



## DEUS É BRANCO? UM ESTUDO SOBRE A RACIALIZAÇÃO DE DEUS NO PENTECOSTALISMO\*

*Alef Monteiro<sup>1</sup>*

**Resumo:** No artigo sintetizo parte dos resultados de uma pesquisa sobre racismo no pentecostalismo realizada em uma congregação da Assembleia de Deus em Castanhal, Pará. Meu objetivo é elucidar a racialização das representações de Deus entre os pentecostais. Para tanto, a metodologia empregada foi a observação participante e realização de entrevistas. Analisei o material reunido à luz de uma perspectiva anticolonialista embasada em autores negros, pós-coloniais e decoloniais. Os resultados apontam que a racialização das representações de Deus entre os pentecostais resulta diretamente da racialização das representações divinas no Cristianismo. Graças aos impactos de transformações exógenas na religião, há, porém, uma transformação incipiente em curso no segmento pentecostal que assume cada vez mais, de modo consciente, a negritude como elemento constituinte de suas representações religiosas.

**Palavras-Chave:** Pentecostalismo; Racismo; Negritude.

### IS GOD WHITE? A STUDY ON THE RACIALIZATION OF REPRESENTATIONS OF GOD IN PENTECOSTALISM

**Abstract:** In the article, I summarized part of the results of a research on racism in Pentecostalism, conducted in a congregation of the Assembly of God in Castanhal, Pará. My goal is to clarify the racialization of representations of God among Pentecostals. For this, the methodology used was participant observation and interviews. I analyzed the material gathered in the light of an anti-colonial perspective, based on black, post-colonial and decolonial authors. The results show that the racialization of representations of God among Pentecostals results directly from the racialization of divine representations in Christianity. Because to the impacts of exogenous transformations on religion, however, there is an incipient transformation underway in the Pentecostal segment that increasingly assumes, in a conscious way, blackness as a constituent element of its religious representations.

**Keywords:** Pentecostalism ; Racism; Blackness.

---

\* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

<sup>1</sup> Sociólogo e antropólogo. É graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. E-mail: [alefmonteiro1@gmail.com](mailto:alefmonteiro1@gmail.com) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6956-0012>



## DIEU EST-IL BLANC? UNE ÉTUDE SUR LA RACIALISATION DES REPRÉSENTATIONS DE DIEU DANS LE PENTECÔTISME

**Résumé:** Dans l'article, je résume une partie des résultats d'une recherche sur le racisme dans le pentecôtisme réalisée dans une congrégation de l'Assemblée de Dieu à Castanhal, Pará. Mon objectif est de clarifier la racialisation des représentations de Dieu parmi les pentecôtistes. Par conséquent, la méthodologie utilisée était l'observation et les entretiens avec les participants. J'ai analysé le matériel recueilli à la lumière d'une perspective anti-coloniale basée sur des auteurs noirs, post-coloniaux et décoloniaux. Les résultats montrent que la racialisation des représentations de Dieu dans le pentecôtisme résulte directement de la racialisation des représentations divines dans le christianisme. Cependant, grâce aux impacts des transformations exogènes sur la religion, une transformation naissante est en cours dans le segment pentecôtiste qui assume de plus en plus, de manière consciente, la négritude comme élément constitutif de ses représentations religieuses.

**Mots-clés:** Pentecôtisme ; Racisme ; Négritude.

## ¿DIOS ES BLANCO? UN ESTUDIO SOBRE LA RACIALIZACIÓN DE LAS REPRESENTACIONES DE DIOS EN EL PENTECOSTALISMO

**Resumen:** En el artículo sintetizo parte de los resultados de una investigación sobre el racismo en el pentecostalismo realizada en una congregación de la Asamblea de Dios en Castanhal, Pará. Mi objetivo es aclarar la racialización de las representaciones de Dios entre los pentecostales. Por lo tanto, la metodología utilizada fue la observación participante y la realización de entrevistas. Analicé el material reunido a la luz de una perspectiva anticolonial basada en autores negros, postcoloniales y decoloniales. Los resultados muestran que la racialización de las representaciones de Dios en el pentecostalismo resulta directamente de la racialización de las representaciones divinas en el cristianismo. Sin embargo, gracias a los efectos de los cambios exógenos en la religión, hay una incipiente transformación en curso en el segmento pentecostal que asume cada vez más, de manera consciente, la negritud como elemento constitutivo de sus representaciones religiosas.

**Palabras-clave:** Pentecostalismo; Racismo; Negritud.

## INTRODUÇÃO

Na literatura brasileira há um momento épico que consiste no susto de um pobre sertanejo nordestino ao se deparar, no momento de seu julgamento pós-morte, com um Jesus de aparência inusitada. Sim, Jesus, aquele Jesus a quem vira tantas vezes representado branquinho, de olhos claros, nas estátuas e quadros da via sacra nas paredes da igreja estava ali, diante dele, só que, quem diria?! Preto/negro! Ou, no estilo de fala simples (mas nem por isso menos preconceituosa) de João Grilo: Jesus estava ali mais “queimado” que qualquer outro cabra! Essa cena foi eternizada no cinema brasileiro através da interpretação de Matheus



Nachtergaele (João grilo), Maurício Gonçalves (Jesus/Manuel) e Lima Duarte (Bispo) no filme *O auto da Compadecida*, dirigido por Miguel Arraes e homônimo à obra escrita por Ariano Suassuna, que baseou o filme. Vale lembrar a narrativa do autor pernambucano:

João Grilo: Mas, espere, o senhor é que é Jesus?

Manuel [Jesus]: Sou.

João Grilo: Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

Jesus: A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

João Grilo: Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

Bispo: Cale-se, atrevido.

Manuel [Jesus]: Cale-se você [...] Você estava mais espantado do que ele e escondeu essa admiração por prudência mundana. O tempo da mentira já passou.

João Grilo: Muito bem. Falou pouco, mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

Manuel [Jesus]: Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim [preto/negro] de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha! Eu Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim, tanto faz um branco como um preto. Você pensa que eu sou americano para ter preconceito de raça? (Suassuna, 2005, p. 146-148).

Por ser caricatural, a cena é engraçada, mas, não obstante sua carga humorística, ela revela um aspecto fundamental da religiosidade brasileira: a racialização das representações de Deus e a dimensão do racismo no imaginário social brasileiro que, mesmo quando não quer ser racista, acaba reforçando o preconceito e a discriminação racial. Explico: é que mesmo tendo elaborado uma cena poeticamente crítica, Suassuna revela também acreditar na ideia de que Jesus, mesmo sendo capaz de aparecer negro no julgamento de João Grilo, na verdade, nasceu branco, algo que hoje sabemos ser improvável para Jesus de Nazaré – um pobre camponês palestino que era quase um norte-africano. Suassuna, assim como muitos outros brasileiros, foi vítima da ideologia de branqueamento / racialização de Deus que historicamente impera no Cristianismo.

Em campo, realizando meu trabalho de etnógrafo, defrontei-me com essa racialização do divino retratada por Suassuna, mas em outro segmento do Cristianismo: o pentecostalismo. Isso ocorreu durante uma pesquisa realizada por mim entre os meses de outubro de 2016 a março de 2017, em uma congregação da Assembleia de Deus, no município de Castanhal, Pará. Na ocasião meu objetivo era verificar em que medida e de que maneiras a matriz pentecostal assembleiana, na situação específica por mim estudada, contribuía ou não com o racismo e sua reprodução (MONTEIRO, 2017).



Fiz esse estudo na tentativa de elucidar melhor, a partir de dados empíricos, um impasse existente entre alguns estudiosos do pentecostalismo: de um lado, há aqueles que afirmam um aspecto inclusivista (multiétnico) e, portanto, não racista do pentecostalismo que nasceu entre as classes mais baixas da população (sumariamente negra)<sup>2</sup> e, do outro, em consonância com parte considerável do Movimento Negro, aqueles que apontam racismo estrutural e dissimulação do preconceito entre os pentecostais<sup>3</sup>.

Acompanhando o cotidiano dos assembleianos, presenciei e ouvi sobre muitas situações de discriminação racial e de sofrimento emocional fruto do racismo. Cada caso que ouvi e testemunhei revelou que antigos “contratos” permanecem na surdina do consciente coletivo, que a participação da religião na deterioração do humano nos negros acontece ainda no presente. Mas também notei, nesse cenário, uma humanização negra que não é laica ou ateia.

Trata-se de uma transformação incipiente do pentecostalismo que passa também a assumir, de modo consciente, a negritude<sup>4</sup> como elemento constituinte de suas representações religiosas. Pois constatei que se de um lado ainda há a dificuldade de grande parte dos pentecostais em lidar com a negritude assumida por um negro no interior da religião, por outro, há também a postura de contestação e resistência do negro no Pentecostalismo Brasileiro, situação que resulta em um negro que não precisa deixar de ser negro ou pentecostal.

Com efeito, destaco um elemento basilar no imaginário pentecostal que se constitui como sustentáculo do *habitus*<sup>5</sup> religioso tanto na postura de negação da negritude quanto na de sua afirmação: a representação que os pentecostais fazem de Deus, isto porque essa representação engendra um modelo de hominização: “o *Homem redimido é a imagem e semelhança de Deus*”, então, nos cultos, reuniões de oração e estudos bíblicos a máxima é “*temos que ser igual a Deus!*”. No imaginário cristão, Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo

---

<sup>2</sup> Por exemplo: Burdick (2001); Lopes (2013).

<sup>3</sup> É o caso de Souza (2015); Alencar (2007); e Campos (2005), este último apontando o racismo no meio pentecostal ainda em seu nascimento.

<sup>4</sup> Termo que vem de um movimento iniciado nos Estados Unidos, Antilhas e Europa, negritude é um conceito polissêmico. Cada segmento da população negra tende a dar ênfase a aspectos diferentes e a adotar posturas políticas distintas a partir de suas próprias realidades, o que se configura em um modo próprio de negritude, todavia, podemos dizer que negritude é um ideal de ser negro que envolve aspectos culturais, históricos, fenotípicos, políticos e identitários centrados na valorização dos valores civilizatórios das culturas africanas (Munanga, 1988).

<sup>5</sup> No mesmo sentido de Bourdieu (1989).



é o modelo de vida a ser seguido (ações, fala, vestimenta, etc.)<sup>6</sup>. E mais, um dia, creem os cristãos, todos serão transformados exatamente como ele (o Deus trino) é. Mas, que imagem é essa que os pentecostais têm de Deus? De modo geral, como demonstrarei aqui, é a imagem do Deus branco!

Para reunir os dados que discuto, observei o cotidiano da congregação e frequentei a residência de vários membros com os quais dividi momentos públicos e privados de suas vidas. Dos vários resultados obtidos, apresento aqui apenas aqueles que dão conta da racialização das representações de Deus entre os assembleianos. No momento em que estive em campo, a congregação contava com cerca de 40 membros dos quais 14 foram entrevistados. Desses, 10 eram negros/as (formando uma amostra composta por 4 homens e 6 mulheres).

Os métodos que utilizei prioritariamente foi a observação participante e a realização de entrevistas, conforme Winkin (1998), mas também somei ao material gerado em campo dados de pesquisa bibliográfica que me possibilitaram compreender os processos históricos que originaram a atual configuração do imaginário pentecostal. O material reunido foi analisado à luz de uma perspectiva anticolonialista que reúne autores negros, pós-coloniais e decoloniais. Também acredito ser importante dizer o que entendo por representação, haja vista que em vários momentos falo em “representações de Deus”. O sentido que utilizo o termo é durkheimiano, entendo, como Durkheim (2008), que toda religião é formada por crenças e práticas que têm a sua substância nas representações que a religião retira da própria sociedade.

Roberto Cardoso de Oliveira (1976), ao explicar esses conceitos, esclarece que as representações coletivas possuem, na maioria das vezes, caráter inconsciente – as pessoas não sabem que acreditam no que acreditam – como os pentecostais de minha pesquisa que nunca pararam para pensar, e assim ganhar consciência, da racialização que fazem de Deus. Por sua vez, as crenças, apesar de derivarem das representações coletivas, são sempre conscientes.

Neste texto, apresento os resultados do seguinte modo: início pela exposição de um caso empírico do imaginário pentecostal acerca de Deus. Em seguida, faço uma exposição das causas históricas da racialização das representações de Deus no Cristianismo em geral ao pentecostalismo. Por fim, aponto outras vivências e possibilidades para além do racismo no pentecostalismo, em exemplos nos quais a “cor de Deus” tem sido ressignificada à luz da

---

<sup>6</sup> Há inclusive um livrinho famoso entre os protestantes chamado “Em seus passos, que faria Jesus?”, de Charles Sheldon (2009). O livro tem como objetivo mostrar aos cristãos que antes de tudo o que forem pensar, fazer ou falar devem refletir: “em meu lugar, o que Jesus pensaria, faria ou falaria?”.



negritude e de perspectivas antirracistas, graças aos impactos de transformações exógenas na religião.

## UM EXEMPLO DA RACIALIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE DEUS ENTRE OS PENTECOSTAIS: UMA CONGREGAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS

A Congregação Estrela VII da Assembleia de Deus tem sete anos de existência e está localizada no Bairro Ana Júlia que até o ano de 2015 era uma *invasão*<sup>7</sup> no Bairro Novo Estrela, na cidade de Castanhal, Região Metropolitana de Belém. Mesmo após a regularização, pouca coisa mudou, malgrado os oito anos de existência, não há uma rua asfaltada, não existem escolas ou posto médico. O sistema de distribuição de energia foi feito há 6 anos e meio, e a distribuição de água data deste mesmo período. As famílias que moram no Ana Júlia são de classe baixa e através de minhas conversas com os *irmãos*<sup>8</sup> da congregação, soube que a maior parte das pessoas que ali moram são “*morenas*”, isto é, negras, sejam elas pretas ou pardas. Isso percebi também através de minhas andanças pelo local e o Mapa da Distribuição Espacial da População Segundo Cor ou Raça, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comprova<sup>9</sup>. Como consequência do contingente etnicorracial da localidade, a maioria das pessoas que se congregam na Estrela VII são pessoas negras.

No Ana Júlia, as identificações de cor de pele não fogem daquelas que compõem o imaginário social brasileiro determinado pelo racismo que opera baseado no marcador da cor: como o padrão socialmente desejável é o fenótipo branco, quanto mais próximo do branco e mais distante do negro, melhor. Daí os indivíduos tenderem a encarar os termos *negro*, sobretudo *preto*, como “*palavras fortes*” (pejorativas, mesmo) para classificar alguém. Ser negro é algo indesejado, usar termos que enegreçam alguém é tornar esse alguém indesejável. Para aliviar essa tensão, o imaginário racista costuma afirmar a brancura das pessoas conforme

---

<sup>7</sup> “Invasão” é um tipo de assentamento precário urbano típico do Pará e equivale, aproximadamente, às “favelas” da região Sudeste. No ano de 2015, depois de negociação com o grupo empresarial dono da terra invadida, a Prefeitura de Castanhal deu título das propriedades aos moradores.

<sup>8</sup> Este termo é um pronome de tratamento nativo que os membros e congregados utilizam para se referir uns aos outros. Por vezes, me utilizo dele na escrita do texto no mesmo sentido que meus interlocutores. O escrevo em itálico assim como outras categorias êmicas.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/sociedade-e-economia/15963-distribuicao-espacial-da-populacao-segundo-cor-ou-raca-pretos-e-pardos.html?=&t=acesso-ao-produto>>. Acessado em 19 abri. 2020.



o tom de suas peles se distancie de um forte tom escuro (PINTO, 1995). A resultante discursiva é o termo “moreno” fortemente usado na região amazônica (CONRADO, CAMPELO E RIBEIRO, 2015).

O “moreno” é aquele que não é branco, mas também já não é preto/negro. Entre os pentecostais com quem convivi, a morenidade é uma razoabilidade da “negrura”. O “moreno” é menos “moreno” que o negro, e o negro, inversamente, é mais “moreno” que o “moreno”. Percebi que há uma escala de morenidade que vai do “moreno claro” ao negro propriamente dito. Algumas vezes ouvi pessoas se referindo a alguém negro dizendo “*aquele irmão moreno, bem moreno*”, mas nunca disseram claramente “*aquele irmão preto/negro*”. Demerval<sup>10</sup>, um homem negro, declara-se moreno e, ao ser questionado por mim sobre o que é ser moreno ele me disse “*moreno é quem tem a pele mais clara que um negro. Eu sou mais claro. Agora, tem aquelas pessoas que são negra, negra. Negra daquelas que a gente só enxerga os dentes, a palma da mão e o bago dos olhos*” (DEMERVAL, 02.03.2017).

Como o imaginário racista age sobre os indivíduos não brancos (os coage a negar suas negritudes branqueando-se discursivamente ao fazer auto declaração de cor, mesmo que, na prática, isso não impeça de serem vitimados pelo racismo), os movimentos sociais envolvidos com a promulgação do Estatuto da Igualdade Racial incluíram aqueles que se declaram “pardos”, conforme classificação estabelecida pelo IBGE, no rol da população negra. Essa iniciativa que visava garantir-lhes direitos e lhes proteger do racismo mostrou-se muito eficaz diante da realidade por mim encontrada em campo. Vi negros que se declaram “morenos”, mas que trazem em si não só a pele com mais melanina como também diversos traços fenotípicos alvo do racismo tais como cabelo crespo, nariz e lábios grossos, quadris largos, etc.

Esse é o caso de Demerval, quando perguntei sua cor ele foi enfático ao dizer “*minha mulher diz que eu sou negro, mas eu sou moreno*” e, logo após encerrarmos a entrevista sua mulher que escutara todo nosso diálogo falou a mim “*irmão, ele tem preconceito contra ele mesmo. Ele é negro e não se aceita! Olhe pra mim [ela esticou os braços e olhou para eles], eu sou negra e ele [se referindo ao marido Demerval], não é negro não? [ela fez este gesto porque ela e o marido possuem o mesmo tom de pele]*”. O interessante é que apesar de Demerval se

---

<sup>10</sup> Todos os nomes são fictícios. Quando dei a opção, a maioria dos entrevistados pediu para que suas identidades fossem resguardadas, por isso, achei por bem aplicar esse resguardo a todos ainda que, de certa forma, não seja difícil, para aqueles que conhecem a congregação, fazer a identificação dos sujeitos. Todavia, minimamente garanti que a vontade dos sujeitos quanto ao uso de seus nomes fosse atendida.

declarar “moreno” (um não-negro – enquanto sua esposa o considera negro), ele possui “*desde moleque*” um apelido racializado: “Neguinho”.

Não só Demerval, mas a maioria dos meus interlocutores negros que se declararam “morenos”, quando lhes coloquei a opção preto, pardo ou branco foram enfáticos ao se classificarem pardos. Joselina foi uma dessas que se declarou parda ou “morena”. Ao lhe perguntar o que é ser morena, ela me respondeu: “*morena é mulata, alguém que não tem a pele branca, mas também não é preta. É marrom*” (JOSELINA, 28.02.2017). O ambiente social em que todos vivem é de negação da negritude através da morenidade.

Diferente do que vem acontecendo no restante do país e, também na sua congênera em Belém do Pará, a Assembleia de Deus em Castanhal permanece ainda distante das mudanças na identidade pentecostal assembleiana marcadas pelo “nem terno, nem gravata”<sup>11</sup>, verificado por Delgado (2008) há mais de uma década. A Assembleia de Deus castanhalense guarda ainda os “usos e costumes”<sup>12</sup> dos primórdios da igreja. Para as mulheres isso significa: uso somente de vestidos, saias e blusas de manga; rejeição ao uso de calça comprida, bermudas e shorts e o uso – agora exagerado – de maquiagem (o que já sugere mudança no imaginário social do grupo); rejeição ao uso de brincos; e, o cabelo sempre comprido. Para os homens: uso de calça comprida e camisa; rejeição ao uso de cabelo cumprido dando preferência a cortes sociais ou em estilo “militar”; e o não uso de joias em geral.

Os “usos e costumes” são sempre adaptados individualmente por cada crente. Nas congregações mais próximas ao centro da cidade, onde a classe média se congrega e há maior grau de escolaridade, já há número avantajado daqueles que acham essas antigas tradições ultrapassadas e não as seguem de maneira rígida. Na congregação Estrela VII, entretanto, assim como em diversas congregações da periferia, os “usos e costumes” são observados com maior cuidado. Há uma visível cobrança do grupo que coage seus participantes a seguir a tradição. Para os assembleianos, nos “usos e costumes” reside a santidade desejada por Deus.

Na busca dos fundamentos do consenso grupal dos usos e costumes, percebi que os pentecostais da Assembleia de Deus possuem muito nítido em seu consciente coletivo a aparência ideal do(a) “autêntico(a) servo(a) de Deus” – é esse ideal que sustenta os “usos e

---

<sup>11</sup> O termo resume, para o autor, a quebra da identidade assentada na adoção de costumes como o uso de roupas sociais (daí o terno e gravata) e a proibição do uso de determinadas peças de adorno e indumentária, e consumo de bens culturais antes taxados como “mundanos” como, por exemplo, as músicas não gospel.

<sup>12</sup> É o conjunto de preceitos de adorno e indumentária dos assembleianos. Crê-se que esses preceitos estão baseados na Palavra de Deus (Bíblia) ou mesmo em seus valores, mesmo que de maneira indireta.





costumes”. Inegavelmente, esta aparência se assenta na própria visão que o grupo possui de Deus e seus anjos. A primeira vez que esse arquétipo da divindade se manifestou a mim eu ainda nem ao menos tinha montado os questionários das entrevistas, a ocasião foi o culto de doutrina, momento em que o pastor local exorta a igreja a seguir aquilo que Deus requer dos seus filhos/servos.

Nas pregações doutrinárias, muitos versículos bíblicos eram citados para embasar o ensino pastoral, o que não é de se espantar, pois como lembra David Mesquiati de Oliveira (2017), o *habitus* pentecostal tem sua performatividade baseada na Bíblia. Mesmo fora de contexto, ou ressignificando drasticamente o provável sentido do escritor bíblico, o que não é raro, aquilo que o pentecostal lê na Bíblia ele deseja fazer. No sermão pastoral a ordenança divina era evocada: “sereis santos porque eu sou santo” (Lv 11.45)<sup>13</sup>, assim como seu reforço feito pelo autor da 1ª epístola de Pedro (1. 14-16): “Como filhos obedientes [...] como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também santos em todo o vosso comportamento, porque está escrito: ‘sedes santos, porque eu sou santo’”. E ainda as ordenanças paulinas: “Tornai-vos, pois, imitadores de Deus, como filhos amados” (Ef 5.1); “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo” (1 Co 11.1).

Ora, o que os pentecostais entendem por ser santo como Deus é? Por imitar a Cristo? É simples, e está na ponta da língua do crente convertido: a guarda dos ensinamentos bíblicos, e não menos dispensável, a guarda dos usos e costumes que garantem a similitude da aparência do crente para com a do seu Deus. São “*os usos e costumes [que] livram o crente da aparência do mal*” – fala de Mário (01.03.2017) que me fez alusão ao texto de 1 Ts 5.22: “Guardai-vos de toda espécie [aparência?] de mal”<sup>14</sup>.

A relação causal entre os “usos e costumes” e a representação de Deus já estava clara em minha mente quando, em uma tarde, após a reflexão de um dos textos de Durkheim, fui tomar café na casa de uma irmã do círculo de oração<sup>15</sup>. Conversa vai, conversa vem, resolvi

---

<sup>13</sup> Todas as citações bíblicas foram retiradas da Bíblia de Jerusalém (2002).

<sup>14</sup> Na tradução de João Ferreira de Almeida, mais usada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, o termo que aparece como “espécie”, na Bíblia de Jerusalém, foi traduzido como “aparência”.

<sup>15</sup> Grupo de oração formado por mulheres de uma igreja pentecostal. Este grupo não se limita a reuniões de oração, mas também se apresenta sob a forma de coral de mulheres nos cultos. Ele está subdividido para que as mulheres visitem as residências de todos os congregados realizando reuniões de oração nos lares. Hoje já existem igrejas com círculo de oração feminino e masculino, porém, devido à tradição das mulheres, quando se fala em “círculo de oração”, geralmente um pentecostal está se referindo ao círculo de oração feminino.



“testar” a proposição durkheimiana e perguntei: “irmã, como a senhora imagina que seja Deus?” A resposta me veio como eu já desconfiava, resposta essa que mais tarde se confirmou nas entrevistas que fiz para esta pesquisa. Deus, na mentalidade dessa irmã e das onze pessoas dentre as catorze a quem entrevistei<sup>16</sup> é: 1) um homem, 2) idoso, de barba grisalha, 3) usa veste alvas e 4) é branco.

No texto de Durkheim (2012, p. 33, grifo meu) estudado por mim antes de visitar essa irmã, ele afirma:

A propósito de uma religião determinada [...] não somente todas as crenças essenciais, mas todos os ritos dependem de causas sociais [...] Por conseguinte, não é surpreendente que os mesmos fatos sejam todos uma função da natureza da sociedade – **sendo a divindade nada mais do que a sociedade transfigurada [...] os deuses não passam de ideais coletivos personificados.**

“Se Durkheim estiver certo”, pensei, “os ideais coletivos da sociedade brasileira estarão personificados na representação que os brasileiros possuem de Deus”. Quando pus em prática a verificação desse postulado, a constatação foi inequívoca: sendo a sociedade brasileira sexista/machista, racista e a religião cristã gerontocrática, Deus é, no imaginário dos pentecostais que são parcela da sociedade brasileira, não só homem e idoso, mas, Deus é branco!

*“Pra mim, ele é branco, olhos amarelinhos, os cabelos bem longos todos caracolados, a roupa toda de branco... Pra mim eu imagino ele assim” (FELIPA, 28.02.2017).*

*“Na minha imaginação Deus é bem bonito... ele é velhinho, tem barba, a roupa é branca [...] sobre a cor da pele? Eu acho que deve ser, assim, meio branca, né não?!” (DORALICE, 03.03.2017).*

*“Bom, a gente costuma sempre ver Deus loiro, dos olhos azuis, né...”<sup>17</sup> (JOSELINA, 28.02.2017).*

*“Como nós somos a semelhança de Deus, eu imagino que Deus seja assim como nós, mas eu não saberia te dizer como ele realmente é [...] nas imagens mostradas na igreja,*

---

<sup>16</sup> Como tive que explicar do que se tratava a pesquisa e seus objetivos, dentre os catorze entrevistados, a resposta de Demerval e Benildo a esta pergunta se diferenciou dos demais. O primeiro (homem negro) ficou acanhado e disse apenas que não queria responder à pergunta, já Benildo (homem branco) disse, que Deus é espírito, logo, ele não tem forma apesar das visões que muitos crentes possuem na igreja. Quando lhe questionei sobre a aparência que Deus possui nas visões místicas desses crentes, ele pediu para passarmos à outra pergunta. Ambos, interpreto, ficaram constrangidos em dizer objetivamente como representam Deus. E apenas uma pessoa demonstrou não acreditar que Deus é branco: Genice.

<sup>17</sup> É muito importante apresentar mais um dado da fala de Joselina dito a mim depois que terminei de gravar (ela confessou-me ter tido vergonha de falar isso durante a entrevista): Joselina imagina Deus não apenas como homem loiro de olhos azuis, mas, para ela, ele é branco e parece “*um galã de novela todo malhado*”.



*no culto das crianças e na EBD [Escola Bíblica Dominical], Jesus é branco, então...” (LAUDIENE, 27.02.2017).*

*“Fisicamente é muito difícil dizer como ele é [...] só quando a gente chegar na Glória é que a gente vai saber realmente como ele é [...] as imagens de Jesus nos desenhos da Escola Dominical é sempre ele de barba, cabelo comprido [...] a pele é branca [...] é desse jeito que a gente aprende” (ANITA, 01.03.2017).*

*“Deus, em termos de aparência... Eu imagino que ele é uma pessoa magnífica, suprema, acima de todas as coisas [...] Deus não é um ser humano como a gente, ele é um ser supremo, espiritual [...] Jesus tem cabelos longos, a pele é branca” (LIA, 02.03.2017).*

*“Ele é lindo! Eu imagino o Senhor como o rei mais bonito que existe. Se os reis desse mundo são pomposos, muito mais o Senhor! [...] deve ser meio branco, e acho que deve ter uma aparência mais madura” (DORCAS, 03.03.2017).*

*“Ah, quando eu penso em me encontrar com o Senhor, eu fico muito alegre! O nosso Deus deve ter uma aparência de sabedoria. Como é pra descrever... Eu acho que ele deve ser tipo um pai, um tanto idoso [...] é difícil dizer, mas eu acho que deve ser branco, né?! É assim que eu acho...” (DOLORES, 03.03.2017).*

*“Pela minha convivência na igreja, nos cultos, nas escolas dominicais, da qual eu também sou professor, nós repassamos a imagem de que Deus não olha para a aparência das pessoas [...] Ele é um homem alto (Jesus) e aparentemente a roupa dele é como se fosse um vestido que hoje as mulheres usam, no caso, o cabelo é um cabelo longo ele é um homem branco [...]” (RAMON, 01.03.2017).*

*“A imagem que é passada e que a gente tem observado é de um senhor barbudo, de uma fisionomia, assim, muito interessante, né, assim... E com as vestes longas, né?! No geral é um branco, assim...” (MÁRIO, 01.03.2017).*

*“É difícil pensar Deus não sendo branco... Eu tiro por Jesus que a gente sempre vê as gravuras dele bem branquinho ou pelo menos com a pele clara. Deus, se a gente for pensar nele em corpo, deve ser mais ou menos assim” (EZEQUIEL, 03.03.2017).*

Esta representação coletiva do *Deus branco* tem grande impacto na socialidade dos assembleianos e gera uma série de efeitos catastróficos na vida social e saúde mental dos negros pentecostais. Como discuti em outro momento (Monteiro, 2019a), autorrejeição e sofrimento psíquico são constantes na vida de pessoas negras que não conseguem se encaixar no fenótipo que creem “*naturalmente agradar a Deus*”. Sem falar no imaginário de inferioridade e pejoração do negro transformado em gracejos e “simples brincadeiras” por brancos, seus “irmãos em Cristo”, com quem vivem em comunidade. Contudo, por ora, explicarei apenas as causas sociais das representações racializadas de Deus sem entrar nos detalhes dos seus efeitos.

## **A RACIALIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE DEUS NO PENTECOSTALISMO: CAUSAS HISTÓRICAS**



Cada grupo humano cria as representações de suas divindades utilizando elementos que exprimem a realidade física e social local. Exatamente por isso, ainda no século VI a.C., Heráclito (*apud* VIEIRA, 2018, p. 16-17) já havia percebido que as características físicas que compunham as representações dos deuses variavam de acordo com a aparência física da população devota: “Etiópes dizem que seus deuses são negros de narizes largos e os Trácios que eles são ruivos e de olhos claros”. No mesmo período, Xenófanes (*apud* Vieira, 2018, p. 16) também percebeu essa tendência e dizia que “se cavalos, bois ou leões tivessem mãos, se eles pudessem desenhar e criar obras como os homens, então os cavalos desenhariam figuras de deuses como cavalos, e os bois como bois, e cada um faria os corpos divinos como os que eles próprios têm”.

Seguindo essa propensão de qualquer religião identificada anos antes pelos filósofos gregos, no início do Cristianismo, os fiéis representavam o panteão de sua religião de acordo com as características físicas dos habitantes das localidades em que a religião cristã se estabeleceu, a saber, o território da atual Palestina, onde o Cristianismo foi fundado e, depois, toda a região do Pan-Mediterrâneo (Norte da África, Oriente Médio e Sul da Europa), e interior do continente europeu, em especial o Oeste. No séc. IV, todo o território do Império Romano, cujas aparências dos habitantes eram as mais diversas, foi oficialmente cristianizado (VEYNE, 2011).

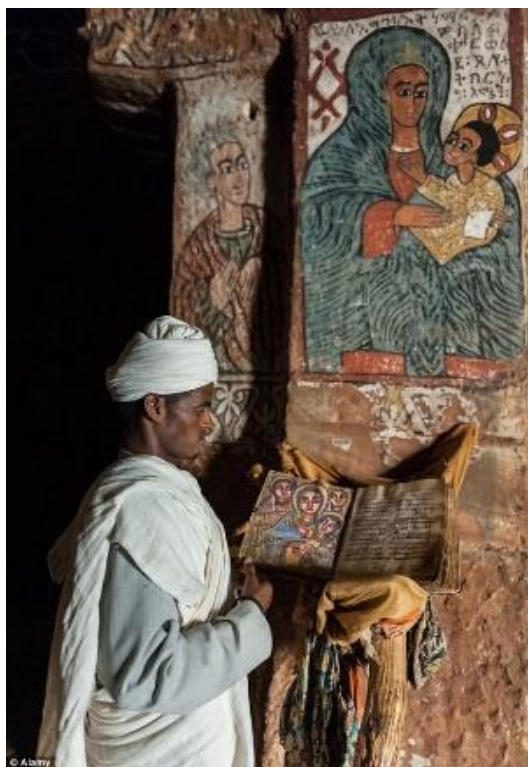
Porém, é importante observar que, apesar da variedade de aparências das populações alcançadas pelo Cristianismo, os seres divinos não eram representados à semelhança de quaisquer pessoas, antes, eles exprimiam (e essa lógica ainda permanece no presente) o padrão estético das sociedades que os adoram, e esses padrões estéticos são sempre os padrões da classe dominante, como verificaram Marx e Engels (2007), cujo posicionamento, nesse sentido, coaduna com o parecer de Nietzsche (2009, p. 16):

O juízo bom [assim como o belo, dirá mais a frente] *não* provém daqueles aos quais se fez o “bem”! Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo o que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu.

Nesta feita, conforme o Cristianismo foi ganhando espaço entre as elites brancas da Europa, as representações divinas foram se embranquecendo, enquanto, nos locais onde as elites eram negras, as divindades foram enegrecidas. Assim foi o caso de Lalibela e região de

Tigray, ambas na Etiópia, cujas elites eram negras. As evidências estão nas pinturas daquele período. Como se pode ver no exemplo da figura 01 que mostra um cristão etíope negro em uma igreja que data do séc. V, uma construção cavada na rocha dos paredões de Tigray, existe uma similitude entre o devoto e as pinturas da parede e do manuscrito. Na época das pinturas, Tigray era uma região cosmopolita por causa do intenso fluxo comercial, daí também existir a representação de um homem com traços não-negros nas paredes da igreja – pessoas com esse fenótipo não eram incomuns na localidade. Mas, Nossa Senhora e o Menino Jesus, que ocupam alguns dos postos mais altos do panteão cristão, seguem o padrão estético da classe etíope dominante, eles são negros.

**Figura 01:** Fiel na igreja Abuna Yemata Guh, em Tigray, Etiópia.



Fonte: Agência Alamy Foto de stock (2013)<sup>18</sup>.

Entre os sécs. XIV e XIX, os países europeus passaram a colonizar a América e, em seguida, a África e Ásia. Para legitimar o empreendimento colonial, a Europa concebeu um ideal de si e projetou sua negação nos povos que queria dominar (Dussel, 1993). Nesse

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/557461260106012981/>>. Acessado em 19 abri. 2020.



processo, foram desenvolvidas “teorias” raciais, inicialmente via religião e depois via ciência, que foram impostas, juntamente com os padrões culturais das metrópoles, aos colonizados.

Consequentemente, o panteão cristão embranquecido e racializado pela branca elite europeia, foi sobreposto a qualquer outra representação dos seres celestes. Os povos ameríndios, africanos e asiáticos foram forçados<sup>19</sup> a adorar um Jesus renascentista branco (figura 02 e 03) que se difere totalmente das atuais reconstituições forenses de Jesus de Nazaré (figuras 04 e 05), feitas por Richard Neave e Cícero Moraes, por exemplo.

**Figura 02:** Salvator Mundi, óleo sobre tela. Leonardo da Vinci (1500?).



Fonte: Wikipedia (2020)<sup>20</sup>.

**Figura 03:** Sagrado Coração de Jesus, Escola Portuguesa (Séc. XIX). Essa é uma pintura muito comum entre os devotos católicos no Brasil.



<sup>19</sup> E seus descendentes *aculturados*, conforme sentido trabalhado por Wachtel (1995).

<sup>20</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Salvator\\_Mundi\\_\(Leonardo\\_da\\_Vinci\)#/media/Ficheiro:Leonardo\\_da\\_Vinci,\\_Salvator\\_Mundi,\\_c.1500,\\_oil\\_on\\_walnut,\\_45.4\\_%C3%97\\_65.6\\_cm.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Salvator_Mundi_(Leonardo_da_Vinci)#/media/Ficheiro:Leonardo_da_Vinci,_Salvator_Mundi,_c.1500,_oil_on_walnut,_45.4_%C3%97_65.6_cm.jpg)>. Acessado em 19 abri. 2020.

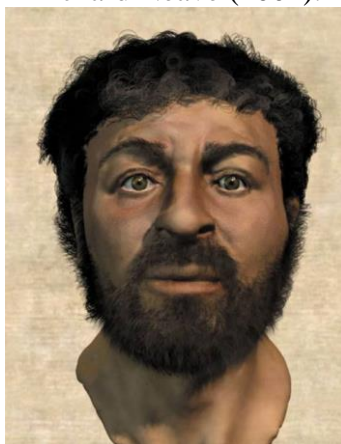


*Fonte: Wikipedia (2020)<sup>21</sup>.*

---

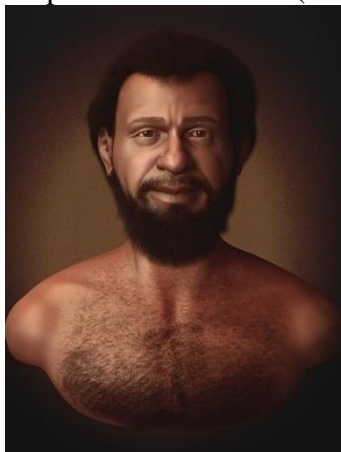
<sup>21</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sagrado\\_Cora%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Jesus\\_-\\_escola\\_portuguesa,\\_s%C3%A9culo\\_XIX.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sagrado_Cora%C3%A7%C3%A3o_de_Jesus_-_escola_portuguesa,_s%C3%A9culo_XIX.png)>. Acessado em 19 abri. 2020.

**Figura 04:** Reconstituição forense da provável aparência de Jesus de Nazaré feita por Richard Neave (2001).



Fonte: BBC Brasil (2018)<sup>22</sup>

**Figura 05:** Reconstituição forense da provável aparência de um judeu palestino do séc. I feita por Cícero Moraes (2018).



Fonte: BBC Brasil (2018)<sup>23</sup>.

A imposição do panteão cristão embranquecido, via colonialismo, erigiu um dos pilares do ego colonial que mais tarde culminou no *ideal de ego* dos pentecostais. Trata-se do Deus branco. Como explica Neusa Santos Souza (1983, p. 33-34), em termos psicanalíticos, para haver estabilidade emocional “é preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se construir – um modelo ideal, perfeito ou quase [...] esse modelo é o Ideal do Ego”. Citando Freud, a autora continua: “há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com o Ideal do Ego. E o sentimento de culpa

---

<sup>22</sup> Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43560077>>. Acessado em 19 abri. 2020.

<sup>23</sup> Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43560077>>. Acessado em 19 abri. 2020.



(bem como de inferioridade) também pode ser entendido como uma tensão entre o Ego e o Ideal do ego”. No protestantismo, como consequência do colonialismo europeu, esse *ideal de ego* é Deus (branco) com quem todos devem buscar parecer.

Quando o pentecostalismo surgiu entre os grupos de reavivamento afro-americanos na virada do séc. XVIII e início do XIX, nos Estados Unidos (Cortén, 1996), Deus já estava racializado no imaginário ocidental e as representações divinas embranquecidas foram transferidas sem quaisquer críticas ao movimento religioso, pois atendiam aos anseios racistas das lideranças do movimento, bem como de toda a sociedade nascida da colonização que teve na “raça” um dos seus principais pilares “civilizatórios” (Quijano, 2005).

Por causa do racismo, as origens africanas do movimento pentecostal contemporâneo são vistas com horror pelos líderes pentecostais que as escondem a todo custo. Nas narrativas oficiais, a linhagem pentecostal é traçada a partir do metodismo, a ênfase está sobre o avivamento wesleyano e nos movimentos de santidade (Mcgee, 1996). Essa leitura é parcialmente verídica, “a bem dizer, ninguém contesta a influência do metodismo. [Mas] Simplesmente não se deve ignorar a influência africana” (Cortén, 1996, p. 50).

Desde o final do séc. XVIII, os africanos escravizados que se converteram ao protestantismo nos Estados Unidos faziam as suas reuniões mantendo as características místicas e, porque não dizer, xamânicas, da religiosidade de sua terra natal. Segundo MacRobert (apud Cortén, 1996, p. 50), as descrições do período confirmam que:

Clamores, respostas na forma de antífonas, cantos repetitivos, glossolalia, aplausos, batidas de pé, tripúdio, saltinhos, balanço do corpo, fazendo cair alternadamente o peso do corpo sobre um pé e sobre outro, dança e outros gestos, [que] são todos praticados nas regiões da África Ocidental e da cristandade escrava e continuam a ser corrente entre os pentecostais negros nos Estados Unidos, Jamaica e Grã-Bretanha.

Eram práticas presentes nos retiros espirituais amplamente realizados pelos negros, nos quais os brancos também passaram a experienciar esses fenômenos místicos. Porém, ninguém havia elaborado ainda uma explicação teológica para esse fenômeno, até que Charles F. Parham, conhecido como “O pai do reavivamento pentecostal”, operou esse feito e se consolidou como “o primeiro pregador a fazer a ligação entre experiências extáticas, com manifestações de transes e glossolalias (o falar em ‘línguas desconhecidas’), e a teoria do ‘batismo com o Espírito Santo’” (Campos, 2005, p. 108).

Parham, que era um sujeito profundamente racista e abertamente apoiador da Ku Klux Klan, foi o mentor das principais lideranças do pentecostalismo no início do séc. XX. O próprio William Joseph Seymour – pastor da igreja onde Daniel Bergue e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, pentecostalizaram-se e frequentavam nos EUA – foi seu discípulo. Segundo Campos (2005), Seymour era forçado a assistir as aulas de teologia ministradas por Parham em uma cadeira no corredor, do lado de fora da sala de aula, pois o professor não tolerava a presença de um negro em sua classe.

O segregacionismo dos Estados Unidos fez com que o movimento pentecostal se dividisse em igrejas de brancos, negros e algumas poucas (e mal afamadas) de caráter misto. A Assembleia de Deus estadunidense, fundada em 1914, surgiu como uma igreja de brancos, já sua congênere brasileira, que a princípio chamava Missão Apostólica da Fé, trouxe para o Brasil o caráter misto – mas não menos racista – de sua matriz estadunidense: a famosa igreja da rua Azusa, fundada por Seymour.

Apesar de acolher pessoas de todas as “raças” aparentemente sem distinção, William Joseph Seymour não se livrou do eurocentrismo e do *ideal de ego* do Deus branco que nega a estética e demais símbolos culturais africanos. O que não seria instantaneamente possível, considerando que ele foi educado para isso. O colonialismo forja nos indivíduos um modo de ser, de conhecer e de saber (colonialidade) que reafirmam dentro e fora dos indivíduos a desigualdade e a exploração colonial (Grosfoguel e Castro-Gomez, 2007). Mesmo depois de consciente da existência do colonialismo, não é fácil para um indivíduo reconstruir um modo de ser, pensar e perceber as coisas diferente daquele no qual foi condicionado desde a infância. Para alguém que não é consciente do colonialismo e da colonialidade, libertar-se das amarras da colonização é algo impossível.

Seymour morreu sem ter consciência do sistema-mundo colonialista, para ele, os padrões culturais em que fora educado eram naturais (é isso que pensa o senso comum) e o pentecostalismo, seguindo o *modus operandi* do pensamento religioso (Durkheim, 2008), reificou a cultura europeia transplantada para as terras coloniais dando-lhe uma ordem divina. A conversão na igreja da Rua Azusa implicava na assimilação de padrões culturais eurocêntricos e mesmo aqueles reconhecidos como nitidamente afro-americanos (a música, por exemplo) só tinham espaço no meio pentecostal porque eram folclorizados, isto é, eram despidos de sua historicidade não possuindo, assim, qualquer alusão

valorativa à África ou a uma identidade negra contrastante à branquitude<sup>24</sup> estadunidense. Ser pentecostal nos Estados Unidos no final do século XIX e início do XX implicava possuir uma moral burguesa vitoriana, vestir-se com roupas sociais e negar qualquer traço de negritude. Em suma, ser um negro pentecostal era ser um negro embranquecido, alguém que usa, nos termos de Fanon (2008), “máscaras brancas”.

Foi esse modo de ser pentecostal que foi trazido ao Brasil pelos missionários Daniel Bergue e Gunnar Vingren e aqui foi fortalecido e ganhou outros contornos dados pelo “racismo à brasileira” (Souza, 2015). Como explica Kabengele Munanga,

Em vez de excluir pela busca da pureza de sangue, como nos Estados Unidos, o modelo brasileiro visava o extermínio físico e cultural através da miscigenação e de uma suposta mestiçagem que, na verdade, significava assimilação à cultura branca, considerada superior; uma forma de etnocídio da cultura negra (Munanga, 2019, p. 16).

A Assembleia de Deus brasileira, agindo conforme esse paradigma, nunca proibiu alguém não branco (afro-brasileiro ou indígena) de fazer parte da instituição, mas, sempre manteve uma cosmovisão e padrão de cultura baseados na branquitude euroestadunidense. Esta característica não apenas da Assembleia de Deus, mas do pentecostalismo, fez com que ela, assim como outras igrejas pentecostais, fosse responsável por massivos etnocídios entre comunidades tradicionais no país<sup>25</sup>. O pentecostalismo no Brasil sempre manteve vivo nos convertidos o racismo à moda brasileira e o *ideal de ego* do Deus branco com quem todos os crentes devem dia a dia buscar parecer.

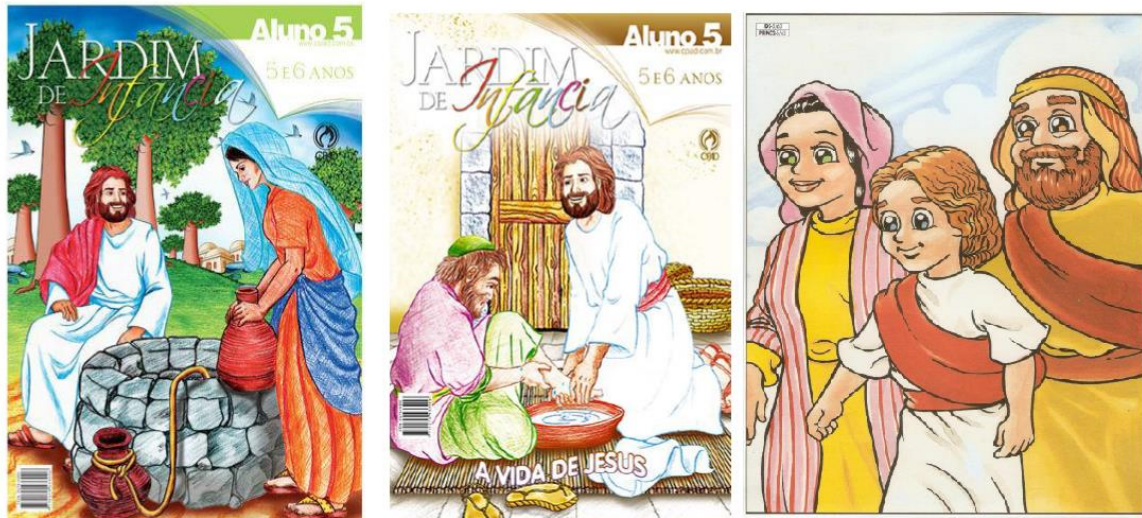
Citando o caso por mim investigado, na congregação Estrela VII, desde criança os pentecostais aprendem as histórias bíblicas se habituando a ver Jesus completamente branco, como se pode verificar nas ilustrações das revistas infantis e visuais utilizados nas aulas das classes de crianças da Escola Bíblica Dominical (EBD) – reunião de ensino realizada todos os domingos pela manhã (figura 06).

---

<sup>24</sup> Segundo Sovik (2001), branquitude é a identidade racial construída a partir de ideias de branqueamento que mantém os privilégios ou direitos adquiridos. No sistema racial, são traços culturais típicos dos brancos e por isso ligados à sua identidade.

<sup>25</sup> Como, por exemplo, mostram Caldas e Brito (2013); e Nascimento e Abib (2016); e Silva (2019), sendo que esta última demonstra a atuação de perseguição dos pentecostais às comunidades tradicionais de matriz africana via traficantes de droga “convertidos”.

**Figura 06:** Capas e visuais da classe infantil da congregação Estrela VII.



Fonte: Monteiro (2017).

### OUTRAS CORES PARA DEUS: VIVÊNCIAS E POSSIBILIDADES PARA ALÉM DO RACISMO NO PENTECOSTALISMO

Estão os pentecostais fadados ao racismo e ao *ideal de ego* do Deus branco? De modo algum. Há um nascente movimento de afirmação da negritude no pentecostalismo que acontece a partir de pelo menos duas frentes. A primeira acontece no âmbito teológico. Os germes dessa afirmação encontram-se ainda na década de 1970 com a Teologia da Libertação que influenciou alguns pensadores protestantes. Esses pensadores, como Ariovaldo Ramos<sup>26</sup>, iniciaram no protestantismo brasileiro a discussão de diversos temas transversais à questão de classe, temas que também foram reconhecidos como elementos de opressão da qual a humanidade precisa de libertação.

Desde então, o racismo legitimado e reproduzido pelo protestantismo em suas diversas matizes passou a ser objeto de reflexão da Teologia e é estudado em alguns seminários teológicos. Destacam-se alguns nomes em âmbito nacional como Cleusa Caldeira, Sulenir Gronbauer, Marco Davi de Oliveira e Ariovaldo Ramos. Assim como eles, alguns outros estão organizados em um Movimento Negro Evangélico (MNE) e

<sup>26</sup> Ariovaldo Ramos é pastor brasileiro, e pertenceu durante muitos anos à Igreja Batista. Atualmente faz parte da Comunidade Cristã Reformada em São Paulo. É um dos teólogos mais reconhecidos no meio protestante na discussão de questões raciais. Seus escritos têm influenciado várias vertentes do protestantismo, inclusive o pentecostalismo.



lutam para pôr fim à omissão e passividade da população evangélica diante do racismo (SILVA, 2011). Há hoje, entre os protestantes, bem como em todo o ramo teológico cristão, até mesmo Teologia Feminista Negra, mas, essas elaborações ainda continuam distantes do grande público. No Pará, apenas em Belém conheci protestantes históricos e pentecostais que já entraram em contato com essas correntes de pensamento, todos são pessoas muito cultas ligadas ao ambiente acadêmico.

No entanto, na Congregação Estrela VII, onde realizei a pesquisa, ninguém sabe que existem pessoas que pensam à luz da fé cristã os problemas raciais e muitos outros de nossa sociedade. Também minhas andanças investigativas nas igrejas pentecostais das periferias de Belém, Ananindeua, Castanhal (Região Metropolitana de Belém), Magalhães Barata, Inhangapi, São Francisco do Pará (Nordeste do estado do Pará) e agora entre comunidades quilombolas de Baião (Região do Baixo Tocantins) e Castanhal me levam a acreditar que nas igrejas periféricas da capital e do interior a maior parte dos crentes desconhece quaisquer produções teológicas imbricadas ao debate racial.

Contudo, esse desconhecimento não elimina a afirmação da negritude e a reflexão sobre o racismo entre os pentecostais que não têm acesso a tais produções teológicas. A segunda frente de afirmação da negritude é justamente aquela que nada tem a ver com o pensamento teológico, ela é fruto de mudanças recentes na mentalidade brasileira geradas pela Educação Formal. Como já discuti em outro momento (MONTEIRO, 2019b), o ensino da história e cultura dos africanos e afro-brasileiros tornado obrigatório pela Lei 10.639/03 é um dos fatores que está na base da mudança de mentalidade dos pentecostais.

Entre meus interlocutores, há o caso exemplar de três mulheres negras que passaram a assumir sua negritude no contexto religioso, após terem tido a oportunidade de abordar esses temas em sala de aula. A primeira delas, Genice, de 25 anos, construiu sua consciência racial na universidade cursando a Licenciatura e o Bacharelado em Ciências Sociais<sup>27</sup>. Em uma conversa, contou-me que quando ingressou na universidade alisava os cabelos e malgrado ter passado por várias experiências de preconceito durante sua vida, nunca teve consciência das dimensões sociais do racismo. Os acontecimentos de seu cotidiano eram interpretados como meros problemas pessoais, ela é que era “*feia*”, tinha “*cabelos ruins*” e era uma verdadeira “*complexada*”, ou ainda, a discriminação

---

<sup>27</sup> Ressalto aqui que a Lei 10.639/03 provocou alterações também nos cursos de licenciatura que tiveram que se adaptar para dar formação adequada aos futuros professores da Educação Básica



racial era considerada um problema de ordem espiritual: Deus a estava testando e permitia que o Inimigo usasse pessoas ímpias para xingá-la, tudo com a finalidade de lhe recompensar no Céu – *“quanto mais o crente sofre aqui na Terra, mais galardão ele receberá no Céu”*.

Genice acredita que em Deus encontrou o refúgio que precisava para lidar com as agressões que a levaram a um quadro depressivo aos 14 anos. Curada da depressão, assumiu cargos de liderança e nunca teve problemas na igreja. Seguiu à risca os “usos e costumes”, mas, conforme foi se conscientizando do racismo e entendeu que não era ela o problema, decidiu assumir sua negritude; deixou de alisar o cabelo, passou a usar turbantes e roupas em estilo africano. Nesse interim, pouco a pouco foi encarando retaliações de irmãos que julgavam sua mudança como “mundanismo”. Apesar das dificuldades que enfrenta, Genice resiste como mulher negra consciente de sua negritude e que permanece pentecostal:

*Nunca mais eu peguei cargos de liderança – Ninguém mais me chama pra nada. Pensei em sair da igreja por causa disso, mas depois que a raiva passava eu sempre parei pra pensar que eu tinha que resistir. A igreja tá cheia de gente racista, mas a gente tem que resistir pra poder fazer a mudança (GENICE, 05.02.2017).*

Genice tem sido uma das principais fomentadoras da mudança de mentalidade entre a juventude de sua igreja: dicas de roupas, técnicas de tratamento capilar e muita conversa sobre racismo junto às outras garotas negras, é com ela mesma. A postura militante lhe deu uma fama de briguenta e muito inteligente entre os jovens, ao mesmo tempo em que desperta duras críticas principalmente por parte dos mais velhos. Ela é muito contestadora em suas ações chegando até mesmo a aparecer no culto com turbante e usando roupas em estilo africano em um dia que a líder dos jovens pediu para todos irem bem arrumados à noite, para o culto, tal quais príncipes e princesas do Senhor. Genice se vestiu inspirada em princesas africanas e me disse que a líder da juventude, ao vê-la, *“ficou espantada, como muita gente que tava no culto, por causa do racismo. Pensam que só tem princesas igual àquelas dos contos de fadas da Disney ou como os da Inglaterra [referindo-se aos dias atuais] e acham que ser príncipe e princesa do Senhor é ser igual os europeus”* (GENICE, 05.02.2017)

A jovem foi a única entrevistada que não acredita que Deus seja branco e foi estudando a racialização das sociedades “ocidentais”, isto é, os países envolvidos ou



nascidos na colonização europeia, na universidade, que a jovem se conscientizou da cor que os colonizadores deram para Deus:

*Deus não tem uma única cor, isso é absurdo! Se ele nos fez conforme a sua imagem, e nós somos de muitas cores e aparências, por que Deus teria uma única cor e aparência?! Essa imagem branca de Jesus não é nada mais do que uma produção racista. É o padrão físico europeu na religião (GENICE, 05.02.2017).*

Além de Genice, a primeira vez, e uma das pouquíssimas, em que eu ouvi uma crente da Estrela VII se classificar como negra foi quando entrevistei Anita, de 17 anos. A adolescente não só se identificou como negra, como também conseguia identificar por racismo as discriminações que sofrera por causa de seu fenótipo. Quando perguntei o que entendia por ser negra, ela me respondeu:

*É ter essa pele – não querendo diminuir as outras cores – pra mim é a mais bonita. Acho a pele negra muito bonita! Muita gente queria ser diferente de como Deus fez, mas eu não. Não tenho que ter vergonha da minha pele, do meu cabelo, da minha aparência. Foi Deus que me fez assim (ANITA, 01.03.2017).*

No passado recente alisava o cabelo, mas deixou esse hábito devido mudanças em sua mentalidade:

*Não aliso mais. Eu alisava antes porque, assim, a gente aprende que cabelo crespo – cabelo fuá – é feio, mas isso é uma **opinião racista**. Hoje em dia eu me arrependo muito porque eu fiz isso, mas faz muito tempo que eu não aliso meu cabelo e hoje em dia eu to deixando ele voltar ao normal (ANITA, 01.03.2017, grifo meu).*

Imediatamente lhe perguntei onde ouvira que essa opinião sobre o cabelo era racismo, ela então me disse: “Na escola [Anita cursava o 2º ano do Ensino Médio], a gente estudou sobre o racismo, o Movimento Negro, a cultura brasileira que tem raízes negras. Aí fui parar pra pensar nessas coisas e como a sociedade é muito racista”.

Dorcas, de 37 anos, passou mais de uma década sem estudar e pouco antes da pesquisa voltou à escola. Quando a entrevistei tinha recentemente concluído o Ensino Médio na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Foi nesse retorno ao ambiente escolar após anos que aprendeu um pouco sobre o racismo na sociedade brasileira e hoje se identifica como negra. Dorcas fala orgulhosamente que é negra, ao contrário do seu esposo Demerval. Contudo, em nossas conversas, o ideal de ego do Deus branco se mostrou muito vivo em sua mente. Dorcas é uma crente que defende os “usos e costumes”, pois não os vê como produto do racismo ao mesmo tempo em que se opõe de modo consciente a certas violências, como é o caso de piadas racistas que muitos



negros e brancos da congregação toleram. Acredito que ela apenas ainda não teve a oportunidade de refletir detalhadamente sobre esse ponto importante da história da sua religião e por isso defende a adoção de práticas eurocêntricas, ela ainda não sabe que são “máscaras brancas” (FANON, 2008).

Para mim, Dorcas, assim como Anita – que também acredita que Deus é branco, mesmo demonstrando ter uma consciência racial estabelecida, mas ainda em construção – são figuras arquetípicas. Elas representam o pentecostalismo em um processo de transição de mentalidade causada pela Educação Formal. Por estarem em uma zona de transição, elas não são mais crentes que naturalizam todo o racismo que sofrem, mas também ainda não têm a consciência racial de Genice que acredito representar bem um tipo de pentecostal – em quantidade muito resumida no seio da comunidade religiosa – que permanece pentecostal e passa a ostentar a sua negritude. Nesse último caso, Deus deixa de ser branco e passa a ter outras cores.

A compreensão deste processo de mudança não é difícil: toda religião é sempre expressão do *ethos* de um povo (GEERTZ, 2008), afinal são compostas pelas crenças, valores e representações mais básicas de uma sociedade (DURKHEIM, 2008). Então, na medida em que essas crenças, valores e representações básicas da sociedade brasileira mudem (e a Educação Formal é uma das causas de mudança), as religiões nela presente tendem a mudar em resposta às mudanças ocorridas no *ethos* da população brasileira.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que até o ano de 2032, no Brasil, as igrejas evangélicas devem ultrapassar a Igreja Católica, em número de fiéis (ALVES et al., 2017), fazem-se cada vez mais necessários estudos focados nas relações entre o evangelicalismo e o racismo estruturalmente presente na sociedade brasileira. Nesse sentido, a pesquisa que realizei é um contributo à compreensão dessa relação, uma vez que os resultados explicam as causas sociais da racialização das representações de Deus no maior segmento evangélico do país: o pentecostalismo.

Contudo, apesar das relações amistosas existentes entre pentecostalismo e racismo, aparecem no meio pentecostal aqueles que se constroem enquanto negros(as) pentecostais. Esses sujeitos produzem vivências e possibilidades para além do racismo graças a certas transformações em suas mentalidades. Tais transformações ainda carecem





de mais estudos, porém, com relação ao racismo, na comunidade em que realizei minha pesquisa, a mudança na mentalidade teve como sua causa mais evidente um fator externo à religião, a Educação Formal antirracista.

A conscientização via educação escolar interfere nas representações religiosas e faz com que no pentecostalismo, religião pela qual os negros brasileiros mais fazem opção (OLIVEIRA, 2015), haja espaço para a criação de uma negritude própria, de modo que não é preciso deixar de lado a negritude ou a fé pentecostal. Logo, se hoje Deus ainda é branco para muitos, as mudanças atuais na mentalidade pentecostal sugerem que sua cor tende a mudar, a "cor de Deus" também é algo em transformação, pois, como já dizia Bourdieu (1982, p. 91), "a história dos deuses segue as flutuações históricas de seus seguidores". E, no Brasil, as flutuações históricas dos pentecostais fazem com que Deus, de maneira ainda muito lenta, mas contínua, tome outras cores, inclusive, enegreça-se.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

ALVES, José Eustáquio et. al. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil, *Tempo Social: revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, mai./ago. 2017.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BURDICK, John. *Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura impossível?* In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia Barcellos. (Orgs.). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CALDAS, F. R.; BRITO, A. J. G. *Deus é amor: aculturação religiosa e etnocídio entre os Guarani Kaiowá na aldeia Bororó de Dourados, MS. Espaço Jurídico: Journal of Law*, Chapecó, v. 14, n. 1, jan./jun. 2013, p. 215-232.

CAMPOS, Leonildo da Silveira. *As origens americanas do pentecostalismo brasileiro. Revista USP*, São Paulo, n. 67, pp. 100-115, set.-nov./2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.



CONRADO, Mônica Prates; CAMPELO, Marilu Marcia; RIBEIRO, Alan. *Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense*. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 52, p. 2013-246, jul./dez. 2015.

CORTÉN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DELGADO, Jaime Silva. *Nem terno, nem gravata: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Belém: PPGCS/UFPA, 2008.

DURKHEIM, É. *As formas elementares de vida religiosa: os sistemas totêmicos da Austrália*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. *O problema religioso e a dualidade da natureza humana*. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 22, jul/dez. 2012, p. 27-61.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da Modernidade*, conferências de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes: 1993.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A religião como sistema cultural*. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 65-92.

GROSGUÉL, Ramón.; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Prólogo. Giro decolonial, teoria crítica y pensamiento heterárquico. In: *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más Allá Del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad central; Instituto de estudios socioculturales contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 9-24.

LOPES, Marcelo. Pentecostalismo inclusivista?: breves apontamentos históricos sobre o seu certame étnico. *Identidade*, São Leopoldo, v.18, n. 2, p. 229-238, jul./dez. 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MCGEE, Gary B. Panorama histórico. In: HORTON, Stanley M. (Org.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 11-42.

MONTEIRO, Alef. *Deus é branco?: pentecostalismo, racismo e negritude – um estudo de caso em uma congregação da Assembleia de Deus em Castanhal*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais). Belém: FACS/IFCH/UFPA, 2017.

\_\_\_\_\_. *Servas do Deus Branco: ideal de ego, estigma e sofrimento emocional de mulheres negras no pentecostalismo*. In: ANAIS ELETRÔNICOS do II Congresso de Pesquisadores Negros da Região Norte. Palmas: ABPN / UFT, 2019a, p. 1-13. Disponível em:

<[https://www.copenenorte2019.abpn.org.br/resources/anais/12/copenenorte2019/1569286958\\_ARQUIVO\\_80281af8ec4ec690051798798890c7c8.pdf](https://www.copenenorte2019.abpn.org.br/resources/anais/12/copenenorte2019/1569286958_ARQUIVO_80281af8ec4ec690051798798890c7c8.pdf)>. Acesso em 10 mar. 2019.



\_\_\_\_\_. *Reflexos da Educação Formal antirracista na construção da negritude de jovens pentecostais*. In: MONTEIRO, Alef.; NERY, Maira. N. M.; CAMPELO, Marilu Marcia. (Orgs.). *Negritude em movimento: lutas, debates e conquistas da negritude amazônica*. Belém: GEAM, 2019b, p. 71-84.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.  
\_\_\_\_\_. *À guisa de prefácio*. In: NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, S. A.; ABIB, P. *O efeito da cruzada neoevangélica sobre remanescentes de quilombo: questões sobre educação e identidade quilombola*. *Horizontes*, São Paulo, v. 34, n. 1, jan./jul. 2016, p. 33-44.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, David Mesquiati. *A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance*. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 17, n. 10, p. 119-140, mai.-ago. 2017.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?*. Viçosa: Ultimato, 2015.

PINTO, Regina Pahin. Os Problemas subjacentes ao processo de classificação da cor da população no Brasil. In: *ANAIS do 19º Encontro Anual da ANPOCS: Gt 12: classificação de cor no Brasil: impasses e perspectivas*. Caxambu: ANPOCS, 1995, p.1-37.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005, p. 107-130.

SHELDON, Charles. *Em seus passos, que faria Jesus?*. São Paulo: Hagnos, 2009.

SILVA, Carolina Rocha. “O salário do pecado é a morte”: dinâmicas de negociação e conflito entre terreiros e traficantes “evangélicos” em duas favelas cariocas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 11, n. 28, p. 109-131, jun. 2019.

SILVA, Hernani Francisco da. *O Movimento Negro Evangélico: um mover do Espírito Santo*. São Paulo: Selo Editorial Negritude Cristã, 2011.

SOUZA, Cleiton. Racismo estrutural, dissimulação do preconceito e pentecostalismo brasileiro. *REFLEXUS*, Vitória - ES. Ano 9, n. 14, 2º jul-dez 2015.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.



SOVIK, Livi. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e *media* no Brasil. In: VRON, Ware. (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 363-386.

SUASSUNA, Ariano. *O auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

VEYNE, Paul. *Quando o nosso mundo se tornou cristão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIEIRA, Celso de Oliveira. *Heráclito: fragmentos e comentários*. Apostila (Graduação em Filosofia). Belém: FAFIL / UFPA, 2018.

WACHTEL, Nathan. A aculturação. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 113-129.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 129-156.

*Recebido 19/03/2020.*

*Aprovado em 25/09/2020.*